

primeiríssima infância — interações na pandemia

Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de
0 a 3 anos em tempos de Covid-19

Desde 2007, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal trabalha pela causa da primeira infância com o objetivo de impactar positivamente o desenvolvimento de crianças em seus primeiros anos de vida. As principais frentes de atuação da Fundação são a promoção da educação infantil de qualidade, o fortalecimento dos serviços de parentalidade, a avaliação do desenvolvimento da criança e das políticas públicas de primeira infância e a sensibilização da sociedade sobre o impacto das experiências vividas no começo da vida.

Propósito

“Desenvolver a criança para desenvolver a sociedade.”

Apoio

PORTICUS

Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia: Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19 é uma publicação da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Ela foi elaborada com base em uma pesquisa realizada para a Fundação, em março de 2021, pelas consultorias Kantar e Conhecimento Social.

Direitos e permissões

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citadas a fonte e a autoria.

Sugestão de citação

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2021) Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia: Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19. <http://www.fmcsv.org.br>

Realização

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal
www.fmcsv.org.br

Apoio

Porticus América Latina

CEO

Mariana Luz

Diretor de Operações

Leonardo Hoçoya

Diretora de Relações Institucionais

Heloísa Oliveira

Diretor de Conhecimento Aplicado

Eduardo Marino

Diretora de Comunicação

Paula Perim

Gerente de Comunicação

Ana Carolina Vidal Guedes

Líder de Portfólio - Conhecimento Aplicado

Elisa Altafim

Analistas de Comunicação

Marcelo Rodrigues (Imprensa)

Nathalia Florêncio (Digital)

Consultores técnicos para a elaboração da publicação

Ana Lucia Lima, economista e pesquisadora

Daniel Becker, médico pediatra, palestrante

e escritor

Juliana Prates Santana, psicóloga,

pesquisadora e professora

As opiniões dos consultores expressas nesta publicação são independentes e autônomas e não refletem, necessariamente, a opinião da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.

Notas

- Por concisão, adotamos nos textos deste livro o gênero masculino em situações de plural. Porém, sempre que a distinção de gênero era determinante para a compreensão do assunto, nos referimos especificamente a pais e mães, avós e avós, tios e tias etc.

- Em alguns gráficos que deveriam totalizar 100%, a soma dos valores pode diferir deste índice por questões de arredondamento.

- Utilizamos linguagem coloquial nas perguntas do questionário de pesquisa para facilitar a compreensão pelos entrevistados.

- Nossos agradecimentos aos profissionais de saúde, assistência social e defesa de direitos que atuam com crianças de 0 a 3 anos e suas famílias, assim como aos familiares de crianças que contribuíram para a pesquisa que deu origem a esta publicação.

Da obra

Coordenação geral

Ana Carolina Vidal Guedes/Fundação

Maria Cecília Souto Vidigal

Coordenação técnica

Elisa Altafim/Fundação Maria Cecília

Souto Vidigal

Apoio técnico

Leticia Manna Born/Porticus América Latina

Coordenação editorial e edição

Sandra Mara Costa/Mc&Pop

Revisão

Sidney Cerchiaro

Projeto gráfico e editoração

Gisele Tanaka/Studio 113

Fotos

Capa: Getty Images

Internas: Fernando Martins e Raquel do

Espírito Santo

Sobre as mudanças do presente e as do futuro

Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia: Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19 é um estudo que mostra de que maneira a chegada do novo coronavírus afetou as dinâmicas familiares de cuidado e desenvolvimento da criança pequena, bem como a percepção das famílias sobre sua relação com as crianças.

Ele nasceu de forma inusitada, como um desdobramento de uma pesquisa que realizamos em dezembro de 2019, em conjunto com a Porticus América Latina, para mapear os hábitos e atitudes das pessoas que convivem com crianças na faixa etária de 0 a 3 anos e são responsáveis pelo bem-estar delas. Ainda não se falava em Covid-19 naquela época e nossa sondagem tornou-se o marco zero ideal para esta nova investigação, agora centrada nas mudanças vividas pelas famílias no período de março a dezembro de 2020.

Tanto a pesquisa que fizemos em 2019 quanto a que apresentamos nesta publicação foram levadas a cabo pela consultoria Kantar, que trabalhou em parceria técnica com a consultoria Conhecimento Social. Os resultados do estudo de 2019 estão registrados em um livro¹ contendo análises de diversos especialistas.

Para examinar e discutir os dados sobre as interações de pais e cuidadores durante a pandemia, contamos novamente com o apoio de especialistas – o pediatra Daniel Becker e a psicóloga Juliana Prates Santana. Antes disso, acionamos profissionais de saúde, assistência social e defesa de direitos que lidam com crianças de 0 a 3 anos e suas famílias, assim como familiares de crianças, para colaborar, em encontros virtuais, na elaboração do questionário da pesquisa e na análise dos dados coletados em campo.

Somos gratos a todos os que cooperaram para o enriquecimento deste projeto. Esperamos que os conhecimentos nele gerados contribuam para o melhor entendimento dos tempos atuais, bem como para o desenho de políticas públicas que possam ajudar famílias e crianças a superar os desafios impostos pela pandemia agora e nos anos que virão. Boa leitura!

Mariana Luz

CEO, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

Junho de 2021

(1) Para conhecer a primeira pesquisa na íntegra, consulte a obra *Primeiríssima Infância – Interações: Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos*.

5 SOBRE A PESQUISA
Pandemia versus família, rede de apoio, trabalho e serviços básicos

6 PERFIL DOS RESPONDENTES
Tios e tias em posição de evidência

8 DESTAQUES DO ESTUDO
Crianças + adultos responsáveis + pandemia =

10 CONVIVÊNCIA
Tempo, oportunidade e disponibilidade

12 APRENDIZAGEM E ESTÍMULO
Reflexões sobre os primeiros aprendizados

16 ATIVIDADES COM AS CRIANÇAS
Práticas para o desenvolvimento

19 TEMPO DE TELA
A vida passa na TV

20 ROTINA COM A CRIANÇA
Percepções dos cuidadores

22 EDUCAÇÃO INFANTIL
Direitos em suspensão

26 COMPORTAMENTO
Mudanças na pandemia

27 LIMITES
Uso de práticas educativas parentais

28 SENTIMENTOS DOS CUIDADORES
Por dentro das relações

30 SERVIÇOS BÁSICOS
Saúde e assistência social

Pandemia versus família, rede de apoio, trabalho e serviços básicos

Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia é um estudo que investiga as percepções, atitudes e comportamentos de pessoas que conviveram com crianças de 0 a 3 anos entre março e dezembro de 2020, e foram responsáveis direta ou indiretamente pelo cuidado e educação dessas crianças. A amostra da pesquisa reuniu 1.036 entrevistados das classes A, B, C e D.

Os participantes responderam a um questionário estruturado que abordava quatro esferas: o espaço familiar, a rede de apoio, aspectos ligados ao trabalho de pais e mães e o acesso a serviços básicos de educação, saúde e assistência

social. O questionário também se baseou em questões dos instrumentos Multiple Indicator Cluster Survey (MICS), do Unicef, e Scaling Up Measurement in Early Childhood Covid-19 Global Parent Survey, do Banco Mundial. A coleta das informações aconteceu em março de 2021.

As entrevistas com pessoas das classes A, B e C foram autoperenchidas on-line, por meio de computador, tablet ou smartphone. As entrevistas com pessoas da classe D aconteceram em modo presencial de forma a garantir a participação desse segmento populacional, com menor acesso aos suportes eletrônicos escolhidos.

QUEM

- Homens e mulheres
 - De 16 a 65 anos
 - Pais, mães, avôs, avós, tios, tias ou outros parentes
 - Classes A, B, C e D
 - São responsáveis direta ou indiretamente pelos cuidados e educação de crianças de 0 a 3 anos e conviveram com elas durante a pandemia
- > Você tem filhos ou é responsável ou vive com crianças e/ou adolescentes de 0 a 18 anos incompletos? Caso sim...
 > Conviveu regularmente com criança(s) de 0 a 3 anos entre março e dezembro de 2020?
 X Tem filhos/é responsável, mas não conviveu com criança(s) no período.

QUANTO | 1.036 entrevistados

QUANDO | Março de 2021

ONDE | Classes A, B e C: **todo o Brasil**
Classe D: **Belo Horizonte, Goiânia, Maceió, Porto Alegre, Recife, Ribeirão Preto e São Paulo**

COMO | **Entrevistas on-line** com pessoas das classes A, B e C
Entrevistas presenciais com pessoas da classe D

Tios e tias em posição de evidência

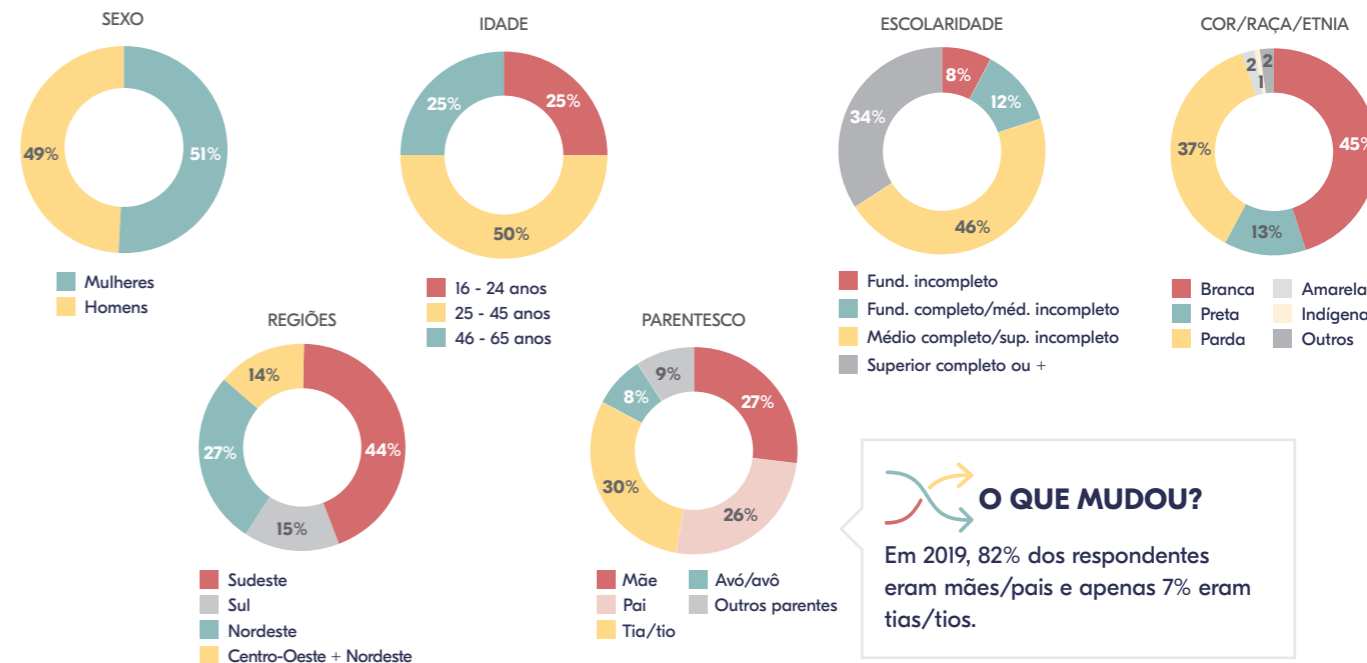
Com a chegada da pandemia, de uma hora para outra, as famílias tiveram de lidar com situações muito novas: parte delas teve o trabalho deslocado para casa, as crianças ficaram sem poder ir à escola e os pais precisaram dedicar mais tempo a elas, além dos afazeres domésticos. Os adultos que continuaram trabalhando fora tiveram de buscar novos arranjos para cuidar dos filhos. As famílias foram orientadas a se distanciar dos idosos, o que significou, para muitos, uma longa separação dos avôs e das avós.

O perfil dos entrevistados na pesquisa **Primeiríssima Infância - Interações na Pandemia** refletiu esse novo contexto vivido pelas famílias. Como se esperava, a maioria dos participantes era composta de pais (53%), sendo 27% correspondentes a mães e 26% a pais. Já o segundo grupo de parentes mais pre-

sente foi o dos tios/tias, que totalizaram 30% dos respondentes. Os avôs/avós somaram 8% dos entrevistados.

A comparação com o estudo feito antes da pandemia mostrou aumento substancial na proporção de tios/tias que se declararam responsáveis pelas crianças – eles correspondiam a apenas 7% da amostra em 2019. Os tios/tias avançaram sobre a zona antes ocupada por mães/pais, que era de 82%, ao passo que a presença dos avôs/avós se manteve estável. Uma hipótese para explicar esse fenômeno é que, sem creches e com avôs/avós em isolamento, os pais/mães recorreram aos tios/tias para ficar com as crianças, sobretudo aqueles vinculados a rotinas de trabalho presencial.

Os gráficos ao lado trazem mais detalhes sobre o perfil dos respondentes.



O QUE MUDOU?

Em 2019, 82% dos respondentes eram mães/pais e apenas 7% eram tias/tios.

Segmentos sociodemográficos

Para buscar maior compreensão sobre o comportamento dos adultos, a pesquisa traçou análises para o total da amostra e segundo recortes por grau de parentesco, escolaridade e segmentos sociodemográficos.

Alinhados com a metodologia adotada em 2019, quando do estudo marco zero para este levantamento, os dados da pesquisa de 2021 foram avaliados considerando perfis que levavam em conta a classe econômica, o território e o nível de escolaridade dos respondentes.

Cinco perfis sociodemográficos foram examinados em profundidade: Classes A/B1, Brasil; Classes B2/C, RM, Superior; Classes B2/C, RM, Básica; Classes B2/C, Interior; e Classe D. A sigla RM corresponde a Regiões Metropolitanas. A indicação “Superior” denota escolaridade de nível superior completo ou incompleto, enquanto “Básica” refere-se à escolaridade, completa ou incompleta, de ensino médio.

O quadro ao lado compila os elementos que determinaram cada segmento sociodemográfico estudado nas pesquisas de 2019 e 2021.

	CLASSES A/B1, BRASIL		CLASSES B2/C, RM, SUPERIOR		CLASSES B2/C, RM, BÁSICA		CLASSES B2/C, INTERIOR		CLASSE D	
	2019	2021	2019	2021	2019	2021	2019	2021	2019	2021
Ano da pesquisa	2019	2021	2019	2021	2019	2021	2019	2021	2019	2021
Número de respondentes	186 (19%)	172 (17%)	274 (27%)	253 (24%)	212 (21%)	215 (21%)	167 (17%)	193 (19%)	161 (16%)	203 (19%)
Território	Capitais		Regiões Metropolitanas		Regiões Metropolitanas		Interior		7 cidades	
Idade	40 anos ou mais (51%)	46 anos ou mais (52%)	Até 29 anos (41%)	25 – 45 anos (60%)	Até 29 anos (45%)	25 – 45 anos (59%)	Até 29 anos (47%)	25 – 45 anos (49%)	Até 29 anos (42%)	25 – 45 anos (48%)
Escolaridade	Escolaridade alta: ensino superior (59%) e pós-graduação (30%)	Escolaridade alta: ensino superior (62%) e pós-graduação (27%)	Escolaridade alta: ensino superior (83%) e pós-graduação (17%)	Escolaridade alta: ensino superior (87%) e pós-graduação (12%)	Escolaridade básica: ensino médio (94%)	Escolaridade básica: ensino médio (92%)	Escolaridade básica: ensino médio (52%)	Escolaridade básica: ensino médio (53%)	Escolaridade básica: ensino fundamental (58%)	Escolaridade básica: ensino fundamental (58%)
Raça/cor	Branco (68%)	Branco (63%)	Branco (45%); negro (52%)	Branco (50%); negro (45%)	Branco (45%); negro (52%)	Branco (39%); negro (57%)	Branco (45%); negro (52%)	Branco (41%); negro (49%)	Negro (69%)	Negro (65%)
Mãe voltou a trabalhar depois que a criança nasceu	93%	74%	82%	61%	68%	60%	67%	50%	47%	43%
Creche	Pública (32%); particular (29%); não frequentam (39%)	Pública (15%); particular (31%); não frequentam (54%)	Pública (33%); particular (23%); não frequentam (44%)	Pública (18%); particular (39%); não frequentam (43%)	Pública (36%); particular (13%); não frequentam (51%)	Pública (24%); particular (8%); não frequentam (68%)	Pública (29%); particular (9%); não frequentam (62%)	Pública (23%); particular (7%); não frequentam (70%)	Pública (29%); particular (8%); não frequentam (63%)	Pública (29%); particular (3%); não frequentam (68%)

Fonte: Pesquisas Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia e Primeiríssima Infância – Interações.

Crianças + adultos responsáveis + pandemia =

“Na minha casa mesmo, eu tenho dois sobrinhos, que foram embora na semana passada. Ficaram na minha casa porque minha irmã e meu cunhado viajaram a trabalho. Eu tenho seis irmãs, e meus sobrinhos ficaram uns 20 dias mais ou menos.”

Pai, 35 anos, autônomo, Região Sudeste

O triunfo do brincar

Em casa, as crianças estão fazendo mais — e de diferentes maneiras — aquilo que elas melhor sabem fazer: brincar. É fato que lhes faltam outras crianças para brincar junto, mas os adultos estão fazendo isso com elas.

Tias e tios entram em cena

Com as crianças sem poder ir à creche, os pais e as mães envolvidos em situações de trabalho e os avós separados de todos pelo risco de contágio, foi preciso buscar ajuda em outras fontes. Em tempos de Covid-19, a rede de apoio das famílias para cuidar das crianças cresceu em direção às tias e aos tios.

“A criança é absolutamente real e concreta, mas, ao mesmo tempo, ela é futuro, promessa e esperança. Brincar com a criança traz todos esses elementos, e é por isso que a brincadeira é tão restauradora. A pesquisa revela esse dado bonito de como o brincar é envolvente. É como se a gente estivesse dizendo: ‘Brincar não é bom só para a criança. É bom para a relação e é bom para o adulto’.”

Juliana Prates Santana

Grau de parentesco com a criança

Valores em %

	CLASSES A/BI		B2/C, RM, SUPERIOR		B2/C, RM, BÁSICA		B2/C, INTERIOR		CLASSE D	
	2019	2021	2019	2021	2019	2021	2019	2021	2019	2021
Mãe	40	19	44	23	44	32	45	23	37	32
Pai	45	34	41	27	38	19	33	17	39	33
Avó	3	4	1	2	6	3	6	2	10	8
Avô	5	3	3	3	2	2	3	3	8	10
Tia	2	12	5	19	1	19	6	24	3	9
Tio	3	23	4	12	5	14	2	15	4	4
Outros	1	1	2	-	3	1	5	2	0	-

Círculo virtuoso de atenção

Com a pandemia, mais de um terço dos cuidadores reportou ter tido mais tempo e boas oportunidades de convivência com a criança. O aumento da convivência possibilita aos adultos uma observação mais detalhada do desenvolvimento da criança. O acompanhamento mais próximo da evolução da criança, por sua vez, aumenta a curiosidade dos adultos sobre ela, criando um círculo virtuoso de atenção.

A creche se afirma

O movimento de fechamento das escolas por causa da chegada do novo coronavírus, em 2020, abrangeu também as creches. As crianças que tinham a rotina dividida entre a casa e a creche tiveram de se afastar das dinâmicas de desenvolvimento vivenciadas no ambiente escolar. Para preencher o tempo delas em casa, os adultos recorreram a brinquedos e brincadeiras e também ao apoio das telas (TV, vídeos e brinquedos eletrônicos em diferentes plataformas), mas sentiram falta da presença de outras crianças. Passado cerca de um ano do início da pandemia, os respondentes constataram que ensinar é algo difícil. Eles deram um claro sinal de valorização da creche e do professor indicando, na maioria, que pretendem colocar a criança na creche quando o serviço voltar a funcionar porque acreditam que “é melhor para ela”.

Quem sabe faz ao vivo

A busca de referências externas pelos cuidadores para aprender o que fazer para estimular as crianças caiu significativamente. A rotina de cuidados básicos com a criança e os afazeres da casa e do trabalho se impuseram sobre os momentos de pesquisa, inclusive os virtuais. Numa situação tão sem precedentes como a de uma pandemia, quando as orientações preexistentes parecem ser insuficientes, os adultos voltam-se para as bagagens pessoais para lidar com suas dúvidas — os conhecimentos herdados dos familiares e a criação que cada um recebeu.

Mídia eletrônica

Com a pandemia, mais crianças passaram a assistir a programas ou vídeos todos os dias, e o uso de brinquedos eletrônicos aumentou em todos os segmentos sociodemográficos estudados.

O valor das relações

“Ainda que se saiba que crianças demandam muito cuidado, o que gera sobrecarga para os adultos, o estudo parece mostrar como a relação com uma criança pequena também pode funcionar como um fator protetivo para o bem-estar dos pais. Os cuidadores não relatam intenso sofrimento psíquico; pelo contrário, falam de momentos agradáveis com as crianças — de dar banho, alimentar e, principalmente, brincar, que classificam como atividade essencialmente prazerosa. A gente tem que parabenizar muito esses cuidadores.”
Juliana Prates Santana

Contexto difícil

“Há vários fatores de estresse sobre as crianças neste período de pandemia: 1) o confinamento em casa, o emparedamento, a dificuldade de sair ao ar livre, na natureza ou nas cidades, o que é tão importante para elas; 2) o convívio com pais tensos e sobrecarregados; 3) o excesso de telas, que é consequência desses dois primeiros fatores; 4) a perda da escola, que é um lugar fundamental para a formação da criança, onde ela se socializa, conhece a figura do professor e começa o exercício da sua cidadania, além de ser um espaço de proteção; e 5) a perda de socialização fora da escola, com os vizinhos, amiguinhos do condomínio, o pessoal da comunidade e os avós.”

Daniel Becker

Tempo, oportunidade e disponibilidade

O QUE MUDOU?

39% das pessoas disseram ter tido mais tempo e boas oportunidades de convivência com a criança; 12% tiveram mais tempo, mas também dificuldade de conciliar os cuidados e interações com a criança a outras atividades

Convidada a analisar os resultados da pesquisa, a psicóloga Juliana Prates Santana notou que, para a maior parte da população, a pandemia criou uma situação em que nem o cuidador/adulto responsável nem a criança podiam sair de casa. Em decorrência, as pessoas tiveram mais chances de observar as crianças. “Todos foram mais convocados a pensar sobre os momentos de desenvolvimento e de cuidado. Não havia como terceirizar essas tarefas.”

No total da amostra, 39% das pessoas reportaram ter tido mais tempo e boas oportunidades de convivência com a criança, enquanto 12% tiveram mais tempo, ainda que sentissem dificuldade de conciliar o tempo com a criança a outras atividades.

Sabe-se, porém, que a pandemia não afetou todos os grupos populacionais da mesma forma. As variações no tempo que os cuidadores têm tido para estar com as crianças dependem, muitas vezes, da situação de

trabalho de cada um. Do ponto de vista dos segmentos sociodemográficos, pode-se afirmar que:

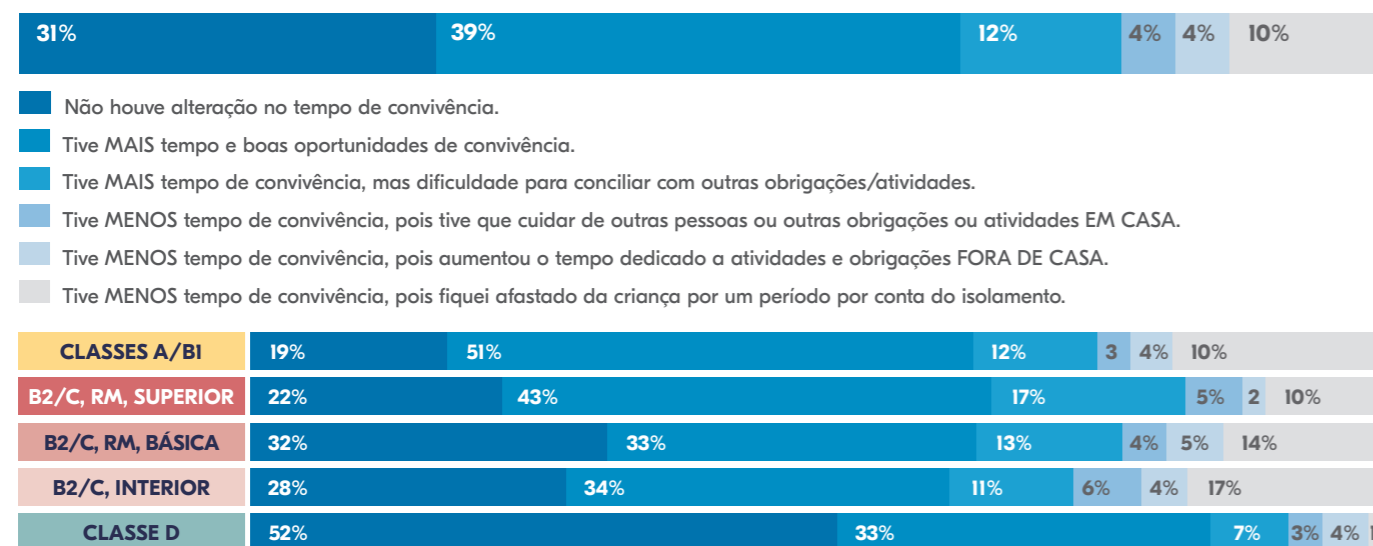
- Nos segmentos A/B1 e B2/C, com escolaridade de nível superior, o aumento no tempo de convivência foi maior, provavelmente por as pessoas trabalharem em casa (*home office*).
- Nos grupos B2/C de escolaridade básica, as alterações no tempo de convivência foram menos significativas. Tais segmentos foram também os que mais reportaram a necessidade de afastamento da criança por causa do isolamento, o que pode ter se dado por adoecimento, risco de contágio ou devido ao tipo de trabalho (profissionais da saúde, por exemplo).
- A classe D foi a que mais manteve inalterado o tempo de convivência com a criança. Uma hipótese é que na classe D seja mais comum o trabalho informal ou que não possibilite *home office*, de modo que o trabalho seguiu sendo feito fora de casa, como antes, ou continuou esporádico e cada vez mais escasso. O recebimento do benefício do Auxílio Emergencial, por sua vez, pode ter propiciado a uma parcela desse grupo usufruir de mais tempo e boas oportunidades de convivência durante a pandemia.

“Eu acompanho várias famílias que fazem parte da classe D. Em todos os momentos em que fizemos as visitas, as mesmas famílias, os mesmos parentes, continuavam cada um em sua residência, justamente por ter o Auxílio Emergencial ou do Bolsa Família, e muitos já não tinham um emprego.”

Visitadora social, 47 anos, Região Nordeste

Tempo disponível durante a pandemia

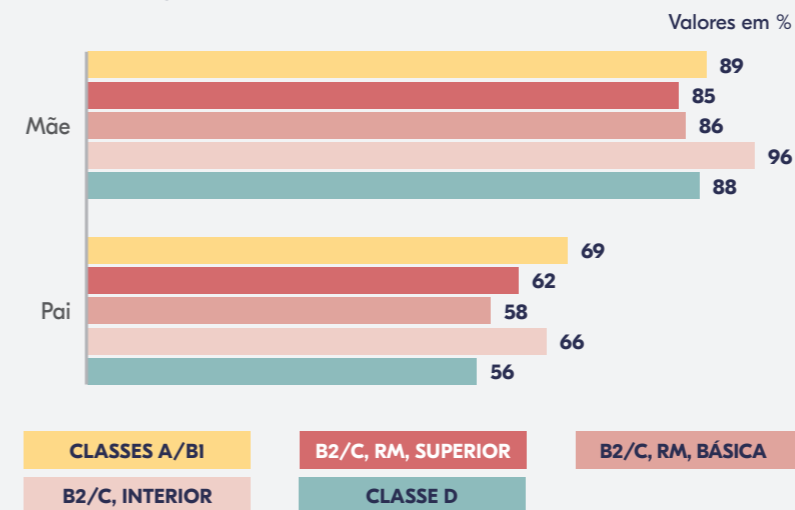
Qual das opções abaixo melhor descreve o tempo que você teve disponível para ficar com a criança durante a maior parte do período da pandemia do coronavírus (entre março e dezembro de 2020)? (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).



Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

Com quem a criança mora?

A pesquisa apurou quais eram as pessoas com quem a criança morava no momento em que o estudo foi a campo, em março de 2021, e também no ano anterior. De modo geral, as crianças permaneceram morando com os mesmos familiares, com predominância da mãe e do pai conforme demonstra o gráfico:



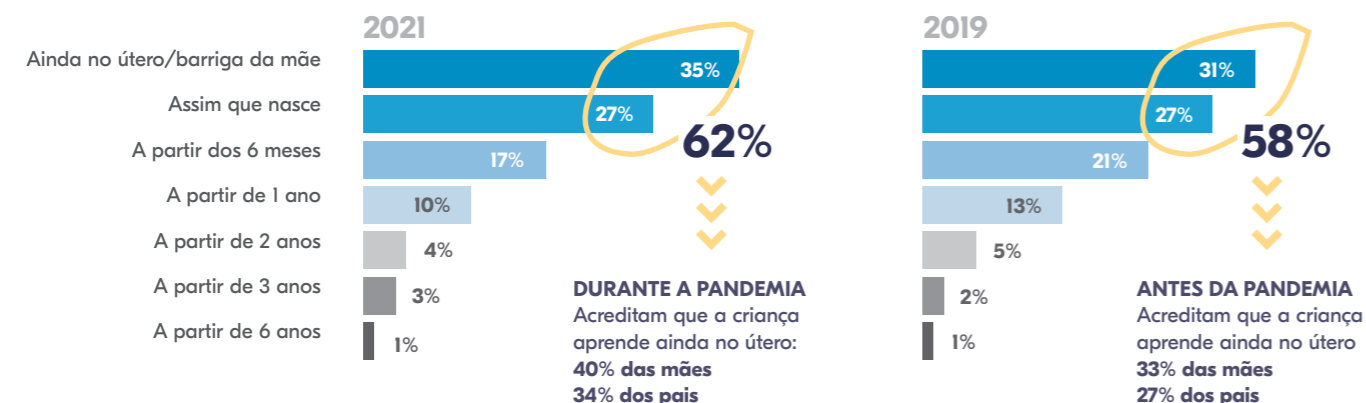
Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

Reflexões sobre os primeiros aprendizados

A partir de que momento a criança começa a aprender? A análise do total da amostra apontou discreta variação de percepção, durante a pandemia, a favor da noção de que a criança começa a aprender quando ainda está na barriga da mãe. A tendência se acentuou no recorte de respondentes mães e pais.

Começo da aprendizagem

Na sua opinião, a partir de que momento a criança começa a aprender? (Resposta única)
Base 2021: total de respondentes (1.036 casos).
Base 2019: total de respondentes (1.000 casos).



Fonte: Pesquisas Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia e Primeiríssima Infância – Interações.

“Eu acredito na importância da mãe desde a gestação para o desenvolvimento do filho. Quando ele está no ventre da mãe, ela tem que ir aprendendo a conversar com o bebê. Já no ventre ele vai reconhecendo a voz da mãe.”

Mãe, 31 anos, professora, Região Norte

Uma segunda pergunta sobre aprendizado também sugeriu que a pandemia não processou grandes mudanças de opinião quando o assunto era o local onde a criança aprende. Em todos os segmentos sociodemográficos estudados, a afirmação prevalente continuou sendo, com larga vantagem, “tanto na escola quanto em casa”.

Com base na vivência em consultório, o médico pediatra Daniel Becker, também convidado a interpretar os achados da pesquisa, situou que a maior convivência das crianças com os pais durante a pandemia produziu resultados notáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

“Nas famílias em que havia harmonia e equilíbrio nas relações, onde se via que as pessoas conseguiam ficar bem em casa, as crianças se desenvolveram exponencialmente, sobretudo as que estavam com algum tipo de dificuldade. Algumas avançaram muito na aquisição de lingua-

gem; outras passaram a comer melhor, dormir melhor e ficaram mais felizes”, salientou.

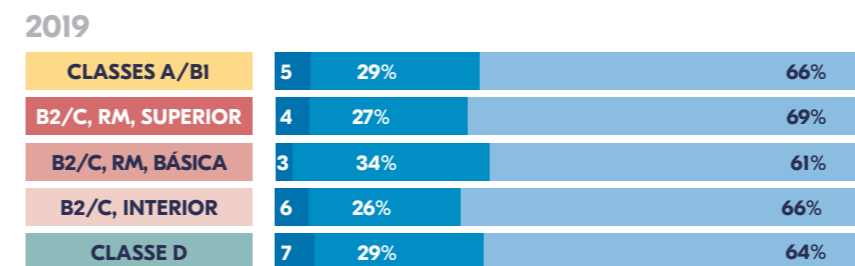
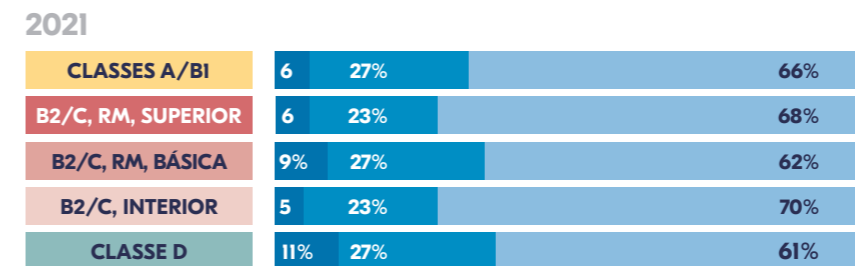
O QUE REALMENTE IMPORTA

Os respondentes foram indagados quanto às três formas mais importantes de aprendizagem para uma criança. A questão mostrou que a visão dos cuidadores mudou substancialmente com a pandemia. Músicas, programas infantis na TV e vídeos educativos na internet foram as atividades que mais perderam importância perante os cuidadores.

De modo geral, também caíram no ranking as brincadeiras livres, a leitura e a contação de histórias, a relação com os adultos e até os brinquedos educativos. Em contrapartida, a restrição na possibilidade de convivência com outras crianças trouxe evidências de quanto esse convívio é essencial. Essa foi a única variável cuja percepção de importância como promotora de aprendizagem cresceu entre os cinco segmentos sociodemográficos consultados.

Onde a criança aprende

Onde você acredita que uma criança aprende? (Resposta única)
Base 2021: total de respondentes (1.036 casos).
Base 2019: total de respondentes (1.000 casos).



■ Principalmente na escola, com a professora
■ Principalmente em casa, com os adultos
■ Tanto na escola quanto em casa

Fonte: Pesquisas Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia e Primeiríssima Infância – Interações.

O QUE MUDOU?

“Quando se inicia a pandemia e as medidas de distanciamento social são adotadas, as crianças passam a ter mais tempo sem uma ocupação estruturada. Apesar da importância do tempo livre, ficou evidente que ele precisa ser intercalado com momentos dirigidos e, principalmente, com situações de interação com adultos e crianças. Os adultos puderam perceber que o tempo livre por si, a exposição a vídeos e os brinquedos educativos não são suficientes para promover desenvolvimento. O convívio com outras crianças foi elemento bastante destacado, pois essa constitui uma das dimensões mais afetadas pela pandemia. As respostas demonstram que as pessoas começaram a perceber a importância mais qualificada de um adulto na promoção do desenvolvimento.”

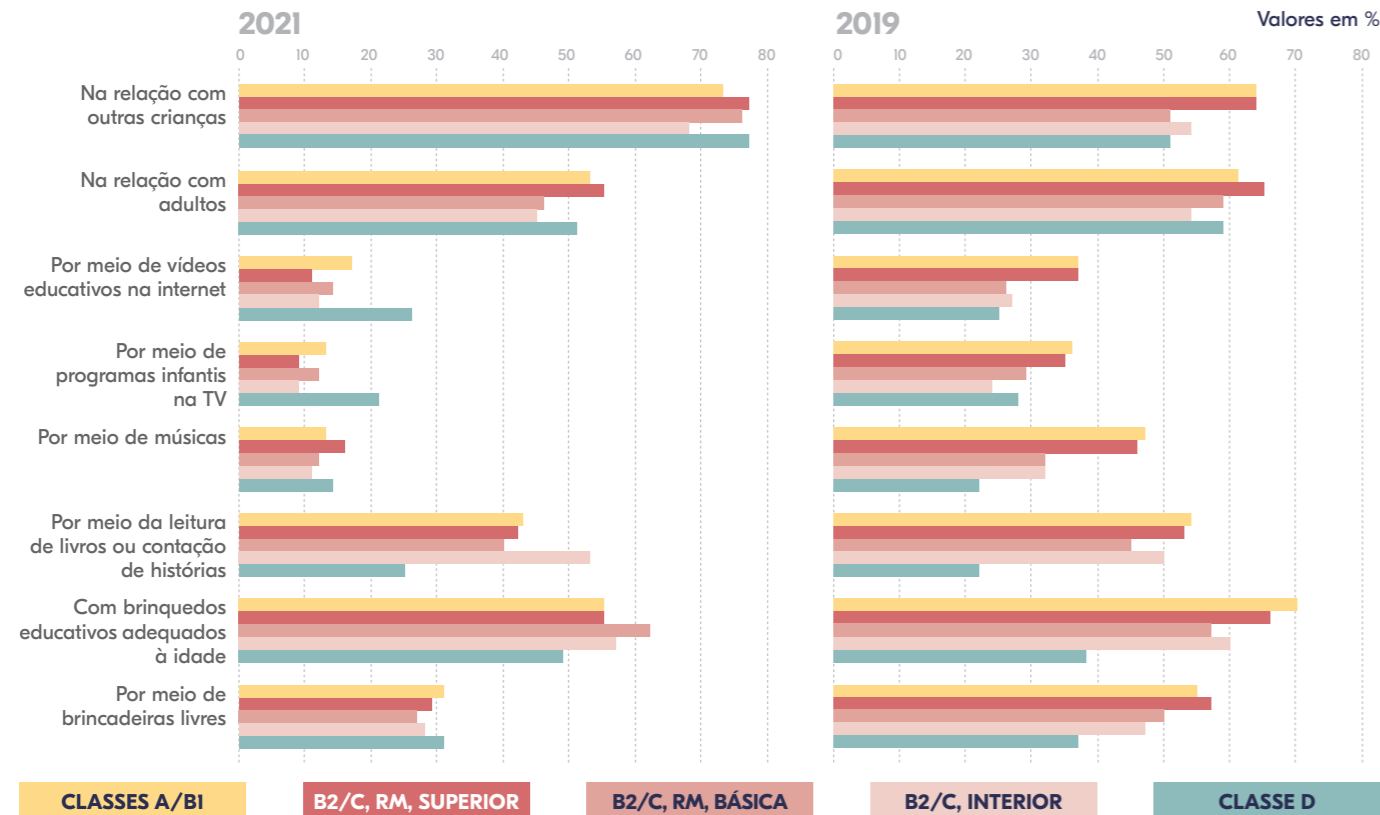
Juliana Prates Santana

“Os pais perceberam que a criança parada, passiva e hipnotizada em frente à TV não está se desenvolvendo em nenhum sentido.”

Daniel Becker

Formas de aprendizagem

Das opções abaixo, quais são as três que você acredita que são as mais importantes no aprendizado de uma criança? (Resposta múltipla)
 Base 2021: total de respondentes (1.036 casos).
 Base 2019: total de respondentes (1.000 casos).



Fonte: Pesquisas Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia e Primeiríssima Infância – Interações.

“Hoje em dia, as crianças já estão nascendo tudo com o olho aberto, olhando para você. Eu acho que, assim que abriu o olho, já está aprendendo.”

Pai, 44 anos, profissional autônomo, Região Sudeste

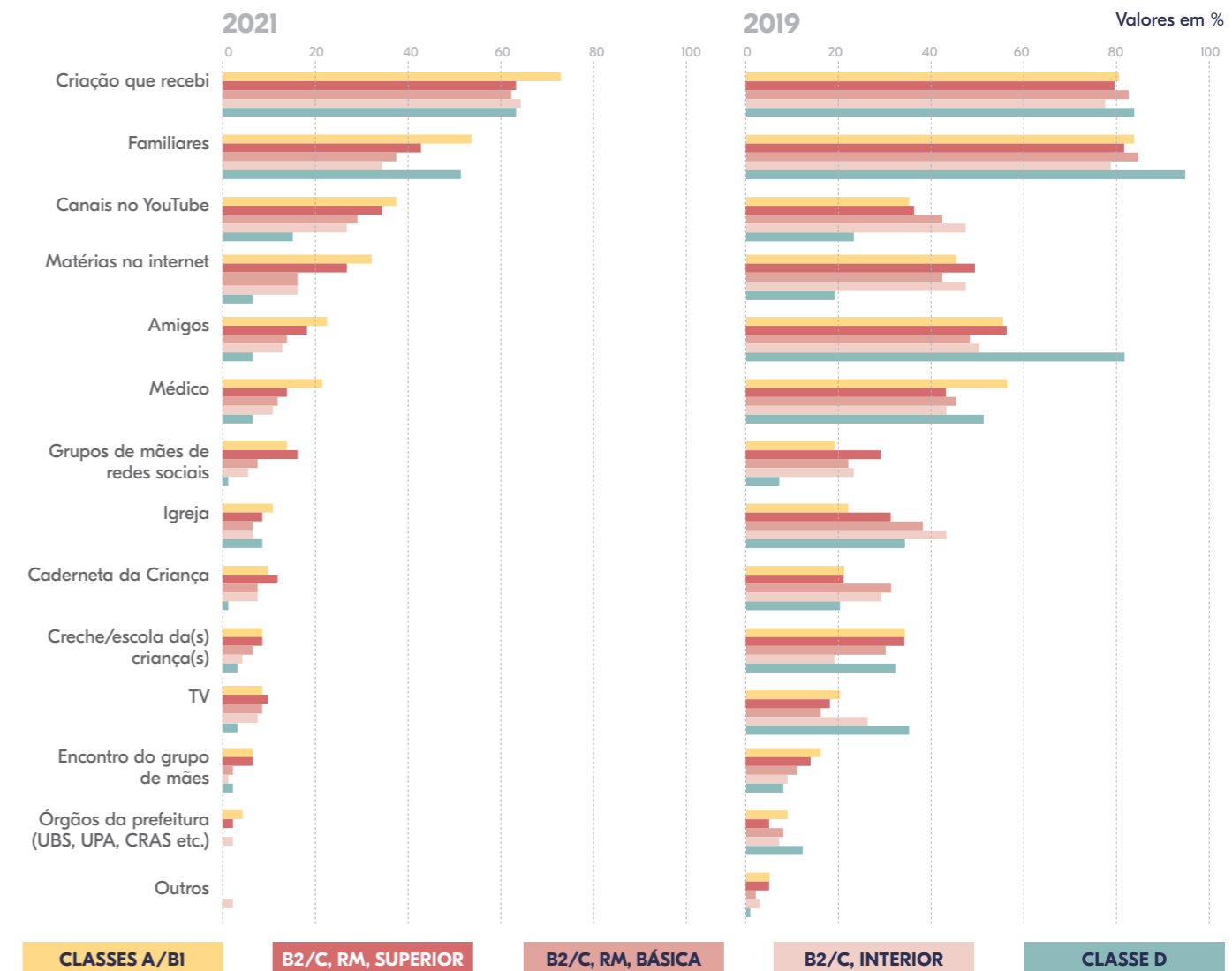
A investigação sobre onde os adultos responsáveis aprenderam o que fazer para estimular as crianças, por sua vez, revelou que a busca por fontes de informação externas minguou. O ineditismo da situação se refletiu na falta de respostas sobre o que fazer, e mesmo canais virtuais, como YouTube, matérias na internet e grupos em redes sociais foram menos acionados pelos cuidadores do que antes da pandemia. Restaram fortes as referências familiares e a criação que cada um recebeu.

“A sensação que fica é de que não sobrou tempo para as pessoas procurarem fontes de informação na internet nem recursos psíquicos para aprender coisas novas. Estamos vivendo um momento muito atípico e todos estão exaustos e sobrecarregados. Aumentaram as tarefas e a pessoa teve que cuidar da criança, fazer a comida, trabalhar. Então não deu

para fazer pesquisa”, disse Juliana. “Neste momento, o que mais conta são o bom senso e a intuição do cuidador. As pessoas estão agindo como elas acham que é correto e estão aprendendo com base no acerto e no erro com suas crianças.”

Fontes de aprendizagem

Onde você aprendeu o que fazer para estimular a(s) criança(s)? (Resposta múltipla)
 Base 2021: total de respondentes (1.036 casos).
 Base 2019: total de respondentes (1.000 casos).



Fonte: Pesquisas Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia e Primeiríssima Infância – Interações.

Práticas para o desenvolvimento

O QUE MUDOU?

Os adultos brincaram mais com as crianças e de forma sistemática. As brincadeiras foram variadas e também criativas. Mas, nas longas horas de um dia após o outro, as crianças também fizeram muitas atividades sozinhas. Faltou a socialização com outras crianças.

As questões da pesquisa que investigaram as atividades que os cuidadores fizeram com as crianças mostraram que as práticas propostas foram diversificadas e sistemáticas. Uma sondagem quanto a um leque de interações realizadas nos últimos três dias – incluindo ver vídeo, brincar, cantar, contar, ler e olhar lá fora – sugeriu que a agenda em casa, durante a pandemia, foi animada.

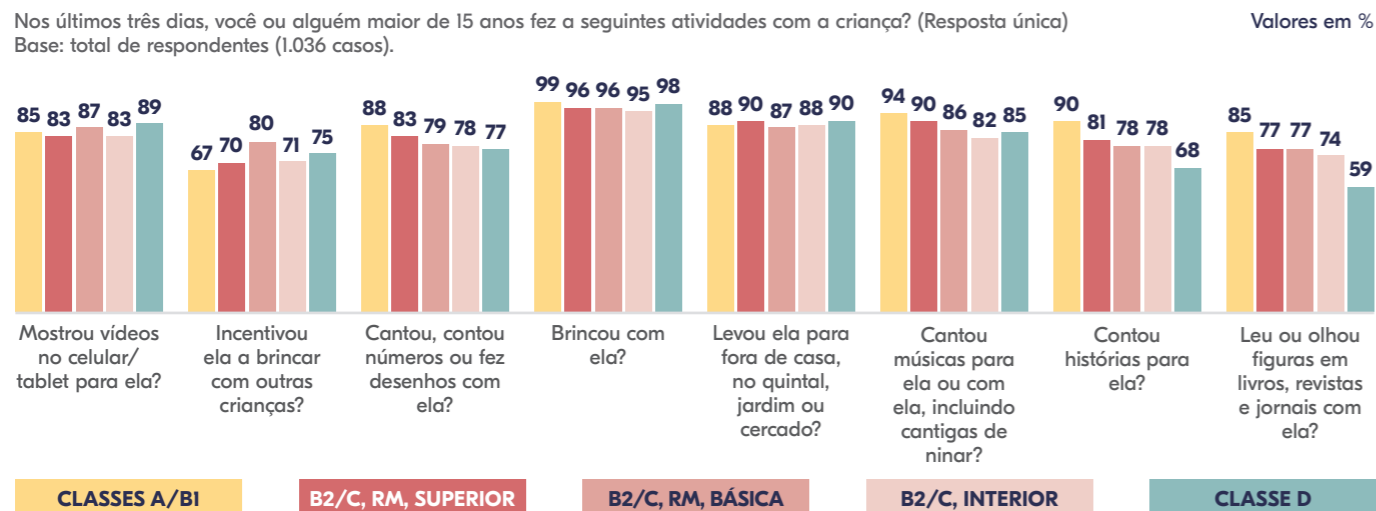
Nos cinco segmentos sociodemográficos estudados, os percentuais de realização das atividades rondaram os 80% quase que indistintamente. Um pouco abaixo disso ficou a brincadeira com outras crianças, enquanto a brincadeira dos adultos com as crianças se deu em quase 100% dos casos.

Contar histórias e ler/olhar figuras em livros, revistas e jornais foram as práticas mais “desiguais”, com o grupo A/B1, de maior escolaridade e renda, mostrando-se o mais assíduo. Supõe-se que a falta de acesso ao suporte livro/revista nos domicílios das famílias de classe D, além da pouca familiaridade com esse tipo de suporte/atividade, tenha sido um fator de influência importante para os menores percentuais de adesão desse segmento a tais tipos de interação.

Em relação ao que se tinha em 2019, a brincadeira em casa durante a pandemia aumentou visivelmente. O brincar cresceu em todos os grupos

Atividades com a criança

Nos últimos três dias, você ou alguém maior de 15 anos fez a seguintes atividades com a criança? (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).

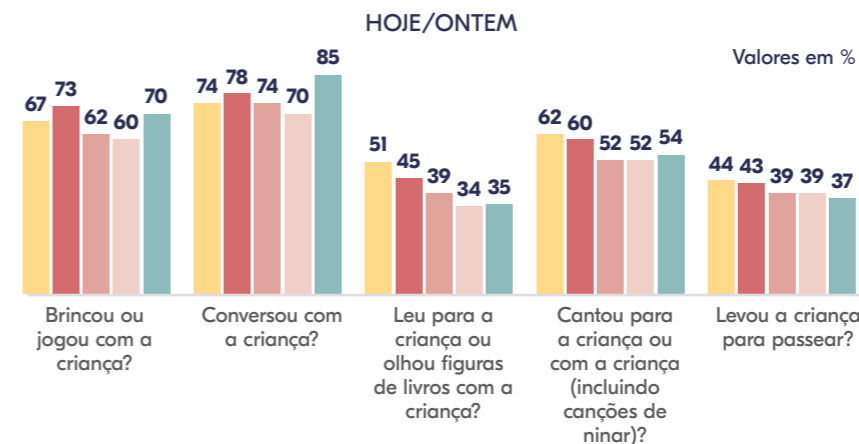


Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia. Questão baseada no instrumento Multiple Indicator Cluster Survey (MICS), do Unicef.

e tipos de atividade. Os brinquedos industrializados continuaram sendo o principal instrumento do brincar, seguido por brinquedos caseiros e objetos domésticos. As atividades manuais, incluídas como nova variável de pesquisa em 2021, foram relatadas com alta frequência pelos respondentes,

Frequência da interação com a criança

Qual foi a última vez que... (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).

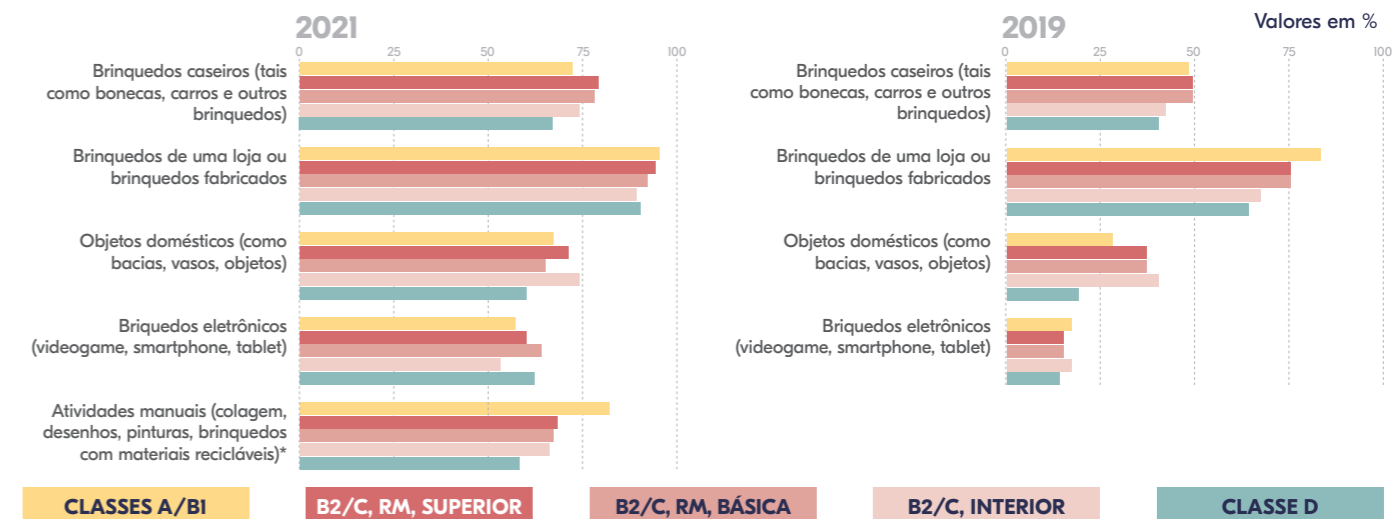


Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

A pergunta tira-teima para aferir quando foi a última vez que um determinado tipo de atividade aconteceu na relação do adulto com a criança mostrou que, nas respostas de “ontem/hoje”, conversar foi a forma de interação mais comum, relatada como prática cotidiana em 70% da amostra ou mais (destaque para grupo D), seguida por brincadeiras e jogos. O uso de livros foi de novo recorrente no segmento A/B1 e menos presente no grupo D. Levantar a criança para passear, por sua vez, foi pouco usual em todos os segmentos, em linha com a realidade do isolamento social.

Brincar com a criança

Considerando as coisas com que a criança brinca em casa, ela brinca com... (Resposta múltipla)
Base 2021: total de respondentes (1.036 casos).
Base 2019: total de respondentes (1.000 casos).



(*) Nova variável de pesquisa incluída em 2021.

Fonte: Pesquisas Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia e Primeiríssima Infância – Interações.

“Quando temos mais tempo com a criança, sentimos necessidade de fazer mais atividades com ela e de utilizar várias estratégias. É isso que a pesquisa mostra que aconteceu. Vale lembrar que, especialmente neste momento de pandemia, tirando o excesso de vídeo, celular etc., pouco importa qual é a estratégia. Cantar, brincar, conversar ou ler, todas elas têm muito valor para o desenvolvimento da criança.”

Juliana Prates Santana

Brincar com a criança durante a pandemia

Durante a pandemia, na maior parte das vezes, a criança... (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).

CLASSES A/BI	28%	19%	6%	15%	33%
B2/C, RM, SUPERIOR	30%	18%	11%	10%	31%
B2/C, RM, BÁSICA	33%	15%	13%	13%	26%
B2/C, INTERIOR	32%	19%	10%	10%	29%
CLASSE D	39%	25%	12%	11%	13%

- Brincou sozinha com os brinquedos dela
- Assistiu sozinha a desenhos e filmes na televisão, celular ou computador
- Brincou com outras crianças da mesma idade
- Brincou com crianças mais velhas/de várias idades
- Brincou com adultos

A CRIANÇA BRINCOU/ASSISTIU A DESENHOS E FILMES...

CLASSES A/BI	47%	21%	33%
B2/C, RM, SUPERIOR	48%	21%	31%
B2/C, RM, BÁSICA	48%	26%	26%
B2/C, INTERIOR	51%	20%	29%
CLASSE D	64%	23%	13%

- Sozinha
- Com outras crianças
- Com adultos

Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

sobretudo os do segmento A/B1. “As pessoas tiveram que inventar muito mais coisas para fazer com as crianças para que elas não ficassem entediadas”, considerou Juliana.

Por fim, também se constatou que, seja brincando, seja assistindo a desenhos e filmes, as crianças passaram o tempo predominantemente sozinhas e, em especial, com os próprios brinquedos. De modo geral, houve pouca interação com outras crianças durante a pandemia. O grupo da classe D foi o que apresentou maior proporção de crianças se entretendo sozinhas e menor percentual de brincadeira com os adultos.

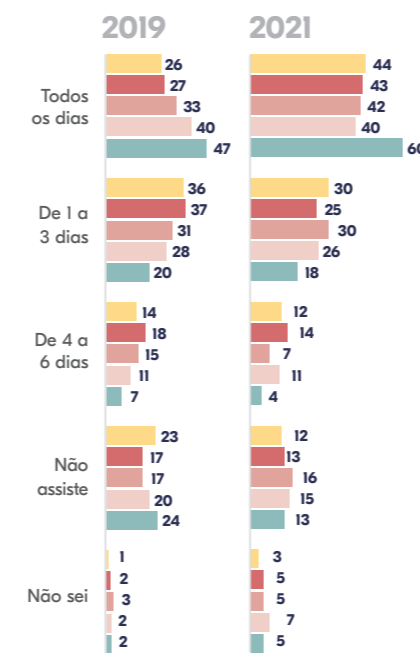
“Mais tempo de tela foi um achado previsível na pandemia e reflete alguma dificuldade de os adultos interagirem com crianças. De qualquer forma, a brincadeira com adultos na casa dos 30% em quase todos os segmentos é um resultado a ser celebrado. Houve aumento no tempo de tela, mas, provavelmente, houve também aumento na interação com os adultos nesse período”, avaliou Becker.

A vida passa na TV

O QUE MUDOU?

Com a pandemia, mais crianças passaram a assistir a programas ou vídeos todos os dias e menos crianças estão na categoria das que não assistem. Desde 2019, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) recomenda que se evite a exposição de crianças de menos de 2 anos às telas e que se limite o chamado “tempo de tela” ao máximo de uma hora por dia para crianças com idade entre 2 e 5 anos.

Assiste TV, tablet...



CLASSES A/BI	B2/C, RM, SUPERIOR	B2/C, RM, BÁSICA	B2/C, INTERIOR	CLASSE D
35	30	28	33	39
10	17	13	14	11
5	5	5	2	11
10	15	14	20	15

Fonte: Pesquisas Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia e Primeiríssima Infância – Interações.

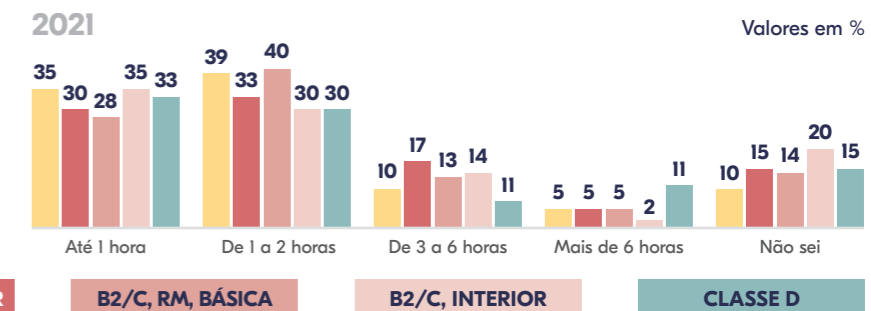
Ainda que não se questione a validade das orientações pediátricas quanto aos limites de exposição da criança pequena às telas, na prática a chegada da pandemia tornou mais difícil cumpri-las. Com o fechamento das creches e o confinamento das famílias, os cuidadores tiveram de lançar mão de muito mais recursos para entreter as crianças.

A pesquisa constatou que a frequência de uso de TVs ou dispositivos eletrônicos todos os dias pelas crianças aumentou para cerca de 40% da amostra, índice que chegou a 60% entre os respondentes da classe D. Em 2019, a opção “todos os dias” foi escolhida por 33% da amostra. As crianças da classe D também estavam entre as que mais assistiam a programas ou vídeos cotidianamente, com 47% desse grupo encaixando-se nessa situação.

Em relação ao tempo que a criança despense por dia em frente às telas, em 2021 predominaram as opções “até 1 hora” e “de 1 a 2 horas”, resultado que guardou correlação com o que se viu em 2019. Esse dado causou estranheza e pareceu subestimado à psicóloga Juliana Prates Santana. Ela ponderou que é possível que as famílias tenham respondido pensando apenas no tempo em que a criança fica sozinha assistindo aos programas/vídeos, e não no período em que a família toda consome esse tipo de mídia, o que também influencia no desenvolvimento da criança porque lhe rouba oportunidades de interação.

Tempo dedicado a programas/vídeos

A criança assiste a programas ou vê vídeos na TV/smartphone/tablet/notebook? (Resposta única) Quantos dias por semana? (Resposta única para crianças que assistem). Por quanto tempo a criança assiste por dia, mais ou menos? (Resposta única para crianças que assistem) Base 2021: total de respondentes (1.036 casos) e total de respondentes com crianças que assistem (894 casos). Base 2019: total de crianças de 0 a 3 anos (1.167 casos) e total de crianças que assistem (916 casos).



O QUE MUDOU?

O marco zero desta pesquisa sobre interações em tempos de Covid-19 não dispõe de um dado comparável sobre como os cuidadores classificavam os momentos de cuidado anteriormente. A psicóloga Juliana Prates Santana destacou, porém, que já se sabe por outros estudos que os distúrbios de sono têm sido um problema para a população em geral. “Uma das questões que podem ter regredido em relação às crianças na pandemia é o comportamento na hora do sono – pelo aumento do uso das tecnologias, pelo espaço da casa ter virado local de trabalho dos pais, por as pessoas não conseguirem se desconectar”, disse. “Nesse sentido, é muito provável que o estresse na hora do sono tenha aumentado.”

“A pesquisa revela que a maioria das pessoas dá valor às atividades básicas de cuidado da criança. Elas dividem suas opiniões sobre esses momentos como sendo valiosos, agradáveis e necessários, ficando a classificação de estressante lá atrás, o que é muito positivo.”

Daniel Becker

Percepções dos cuidadores

Em se tratando de criança pequena, as atividades básicas de cuidado – alimentar, dar banho e colocar para dormir – ocupam parte significativa da rotina que se estabelece entre o adulto responsável e ela. Brincar com a criança também é uma atividade muito presente. Nesta seção, a pesquisa mostra a percepção dos cuidadores sobre cada um desses momentos:

- A hora de mamar e a de dar banho na criança definitivamente não geram estresse. Tais atividades são percebidas como valiosas, agradáveis e necessárias por todos os segmentos, sendo que a hora do banho se destaca como atividade agradável.

Rotina com a criança

Como você classificaria, na maioria das vezes, cada um destes momentos de cuidado da criança? Como uma atividade estressante, necessária, agradável ou valiosa? (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).

HORA DE MAMAR

Classes	Uma atividade valiosa	Uma atividade agradável	Uma atividade necessária	Uma atividade estressante	Total
CLASSES A/BI	33%	25%	36%	6%	6
B2/C, RM, SUPERIOR	42%	25%	28%	4%	4
B2/C, RM, BÁSICA	34%	31%	27%	7%	7
B2/C, INTERIOR	31%	33%	31%	6%	6
CLASSE D	34%	36%	26%	3%	3

HORA DO BANHO

Classes	Uma atividade valiosa	Uma atividade agradável	Uma atividade necessária	Uma atividade estressante	Total
CLASSES A/BI	19%	44%	32%	5%	5
B2/C, RM, SUPERIOR	25%	44%	26%	4%	4
B2/C, RM, BÁSICA	25%	41%	29%	5%	5
B2/C, INTERIOR	20%	40%	35%	5%	5
CLASSE D	26%	36%	33%	4%	4

- Uma atividade valiosa
- Uma atividade agradável
- Uma atividade necessária
- Uma atividade estressante

Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

HORA DE COMER

Classes	Uma atividade valiosa	Uma atividade agradável	Uma atividade necessária	Uma atividade estressante	Total
CLASSES A/BI	27%	30%	37%	6%	6
B2/C, RM, SUPERIOR	30%	29%	35%	6%	6
B2/C, RM, BÁSICA	31%	31%	32%	6%	6
B2/C, INTERIOR	31%	27%	38%	4%	4
CLASSE D	28%	38%	30%	4%	4

HORA DE DORMIR

Classes	Uma atividade valiosa	Uma atividade agradável	Uma atividade necessária	Uma atividade estressante	Total
CLASSES A/BI	32%	28%	26%	14%	14
B2/C, RM, SUPERIOR	32%	30%	25%	14%	14
B2/C, RM, BÁSICA	34%	33%	23%	9%	9
B2/C, INTERIOR	30%	35%	25%	10%	10
CLASSE D	25%	39%	29%	7%	7

HORA DE BRINCAR

Classes	Uma atividade valiosa	Uma atividade agradável	Uma atividade necessária	Uma atividade estressante	Total
CLASSES A/BI	38%	47%	10%	5%	5
B2/C, RM, SUPERIOR	42%	44%	12%	1%	1
B2/C, RM, BÁSICA	42%	42%	13%	2%	2
B2/C, INTERIOR	40%	44%	13%	3%	3
CLASSE D	31%	51%	16%	2%	2

- Uma atividade valiosa
- Uma atividade agradável
- Uma atividade necessária
- Uma atividade estressante

Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

- O mesmo acontece com a hora de comer e a hora de dormir em todos os segmentos: são atividades valiosas, agradáveis e necessárias, embora a hora de dormir gere um pouco mais de estresse.
- Já a hora de brincar é vista como atividade essencialmente agradável por todos (destaque para os grupos AB/1 e D), além de valiosa. É considerada mais valiosa para mães e pais do que para os demais cuidadores (42% e 43%, respectivamente).

“Quando a gente trata de apego seguro entre cuidador e criança, está falando de uma relação mutuamente reforçadora que tanto traz segurança para a criança quanto é boa para o cuidador. Esses dados apontam que as pessoas estão se sentindo bem nos momentos de cuidado das crianças. No caso do brincar, a pesquisa mostra que a prática não é boa só para a criança – é boa para o adulto! Se as pessoas sentem dificuldade de interagir na pandemia porque estão sem energia, o brincar reenergiza e é essencialmente reconfortante.”

Juliana Prates Santana

Direitos em suspensão

“Eu tenho uma enteada que vai fazer 4 anos. A gente não permitiu que ela voltasse para a creche por causa do medo de contágio. No meu ponto de vista, quem aderiu realmente é corajoso. A gente tem como se cuidar, tem pessoas que podem olhar a minha menina. Mas isso depende muito da necessidade da família.”

Pai, 35 anos, auxiliar de logística, Região Sudeste

Quando a primeira onda de Covid-19 se espalhou pelo Brasil, em março de 2020, uma das medidas inicialmente adotadas pelo poder público nos estados e municípios foi o fechamento das escolas. Naquele momento, o ambiente escolar era tido como um dos principais vetores de contágio da doença. Assim, o atendimento presencial em creches foi amplamente interrompido.

Nos meses que se seguiram, houve várias tentativas de reabertura das escolas, com diferentes níveis de sucesso de acordo com o contexto da pandemia em cada localidade. Em todos os segmentos sociodemográficos analisados, apenas uma minoria reportou que o atendimento presencial em creches foi retomado. Quando foi investigado se a criança voltou a frequentar a creche ou não e o porquê, o medo de contágio despontou como a principal barreira às famílias.

Para o pediatra Daniel Becker, os percentuais de não retorno à creche por medo de contágio foram significativos, mas não surpreendentes. “Estabeleceu-se no Brasil uma cultura errônea de que o novo coronavírus se disseminaria a partir das escolas como ocorre com o vírus da influenza, mas isso não é verdade”, afirmou. “A escola não tem uma participação importante na propagação da Covid-19, pois é um lugar de baixa transmissão. Contudo que haja protocolos bem instalados – ambientes ao ar livre, Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para professores, divisão de turmas, ventilação, todas essas coisas que a gente já sabe –, ela é um lugar de baixo risco de contaminação”, acrescentou.

A psicóloga Juliana Prates Santana ponderou que as decisões sobre fechamento e abertura das escolas no Brasil foram muito mais políticas do que pautadas na ciência, e isso criou um clima de desconfiança. “Para conseguir reabrir as creches, por exemplo, vários espaços foram considerados como ‘serviços essenciais’ sem indicadores de saúde que trouxessem segurança aos cuidadores”, avaliou Juliana. “As informações eram contraditórias, gerando muito receio nas famílias dependendo da sua configuração – se eram compostas de pessoas idosas ou se apresentavam fatores de risco.”

A maioria dos respondentes pretende colocar a criança na creche quando o serviço voltar a funcionar, principalmente porque acreditam que “é melhor para ela”.

“Os pais antes traziam muito a fala ‘põe a criança na escola para ela brincar’, mas agora perceberam que não é apenas colocá-la brincando lá”, presumiu Juliana, à luz dos resultados da pesquisa e de sua prática profissional. “É preciso haver uma certa intencionalidade, deixar a criança com outras crianças, a TV sozinha não vai adiantar... Ou seja, aumentou muito

Frequência das crianças em creche antes e depois da pandemia

A criança frequentava a creche antes do início da pandemia (antes de março de 2020)? (Resposta única)

Base: total de respondentes (1.036 casos).

Se sim... (Resposta única)

Base: respondentes com crianças que frequentavam creche (364 casos).

CLASSES A/BI	15%	31%	50%	4
B2/C, RM, SUPERIOR	18%	19%	51%	12%
B2/C, RM, BÁSICA	24%	8%	53%	14%
B2/C, INTERIOR	23%	6	63%	7%
CLASSE D	29%	3	40%	29%

- Sim, uma creche/berçário/escola pública
- Sim, uma creche/berçário/escola particular
- Não, porque ainda não queria mandá-la para a creche
- Não, porque não tinha conseguido vaga para ela

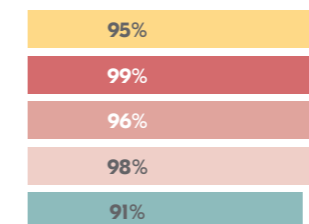
SE SIM



SE SIM

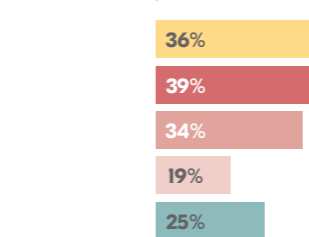


O atendimento presencial foi interrompido total ou parcialmente entre março e dezembro de 2020?



SIM

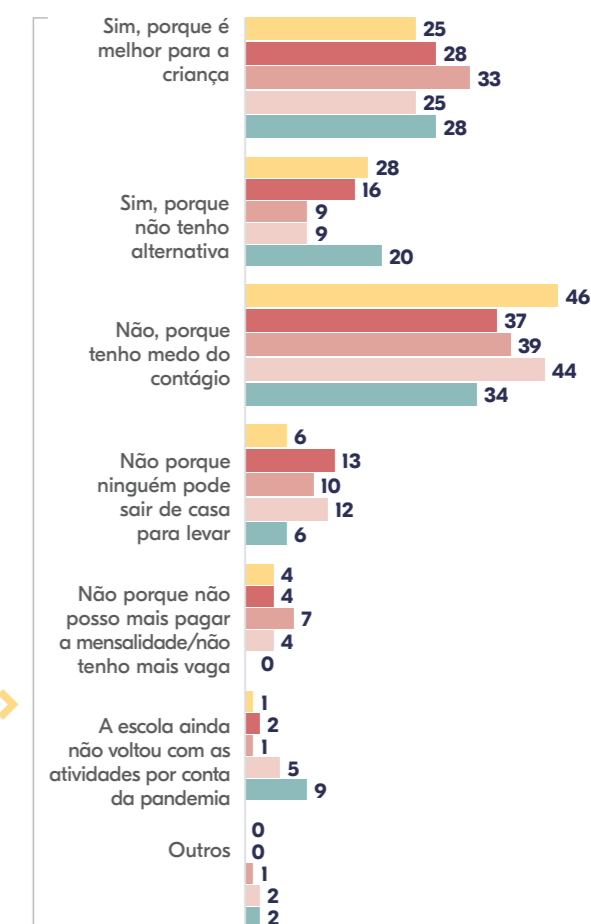
O atendimento presencial já foi retomado?



SIM

A criança voltou a frequentar a creche/berçário? Qual dessas alternativas melhor descreve as razões da sua decisão? (Resposta única)

Base: respondentes com crianças que frequentavam creche (364 casos).



O QUE MUDOU?

“As famílias passaram a valorizar mais a creche como um espaço importante para a educação e o cuidado depois de terem vivido sem ela. A intenção de colocar as crianças na creche quando esses espaços voltarem a funcionar é grande em todas as classes sociais, inclusive entre aquelas que mantinham as crianças em casa por opção, sobretudo no interior.”

Juliana Prates Santana

a valorização dos professores como pessoa que sabe fazer uma mediação adequada”, salientou.

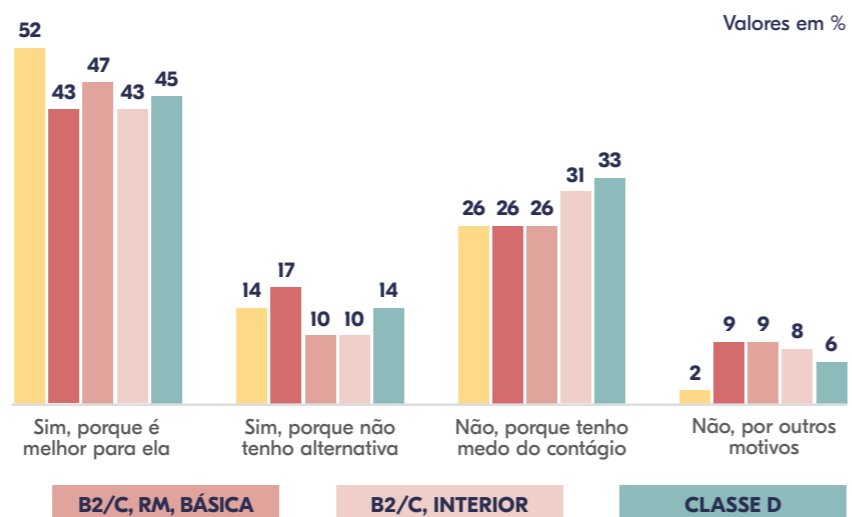
Porém, na visão de Juliana, a resistência à ideia de retorno à creche por parte das famílias que temem o contágio terá de ser bastante trabalhada com elas. “As pessoas vão precisar de muitas garantias para voltar a ver a creche como um espaço seguro de cuidado. Será necessário reconquistá-las.”



FERNANDO MARTINS

Retorno à creche quando voltar a funcionar

Pretende colocar a criança na creche quando ela voltar a funcionar? Qual dessas alternativas melhor descreve as razões da sua decisão? (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).



CLASSES A/BI

B2/C, RM, SUPERIOR

B2/C, RM, BÁSICA

B2/C, INTERIOR

CLASSE D

Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

Contato com a creche durante a pandemia

Com que frequência você ou outro responsável pela criança teve contato com a creche durante a pandemia para cada uma dessas finalidades? (Resposta única)
Base: respondentes com crianças em creche que tiveram o serviço interrompido (364 casos).

Valores em %



CLASSES A/BI

B2/C, RM, SUPERIOR

B2/C, RM, BÁSICA

B2/C, INTERIOR

CLASSE D

Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

- As orientações para realizar atividades pedagógicas com as crianças e sobre prevenção do contágio foram os principais motivos para o contato com a creche. Os segmentos de maior escolaridade e renda foram os que mais usufruíram desses contatos. “Há que se reconhecer também o esforço louvável feito pelas escolas que atendem aos grupos intermediários [B2/C, RM, Básica e B2/C, Interior] – fundamentalmente as creches públicas e comunitárias – para tentar oferecer algum tipo de atividade educativa às crianças”, destacou Becker.
- A frequência de contato das famílias com a creche durante a pandemia foi significativamente menor para os indivíduos da classe D, provavelmente devido à dificuldade de acesso à internet e a dispositivos eletrônicos de qualidade. Eles foram os que mais informaram “nunca” terem mantido contato com a escola nas situações mencionadas, fossem elas de finalidade pedagógica, de saúde pública, de assistência social ou mesmo de ordem administrativa. “Esse ‘nunca’ tão elevado chama muito a atenção. Ele indica que, para a classe D, quando a creche não pôde ser presencial, ela definitivamente não conseguiu acontecer a distância”, afirmou Juliana.

Mudanças na pandemia

“É importante enfatizar que a regressão de comportamento num momento de tensão é algo esperado e geralmente transitório.”

Juliana Prates Santana



RAQUEL DO ESPÍRITO SANTO

No total da amostra, 27% das crianças apresentaram regressão no comportamento, ou seja, voltaram a ter comportamentos de quando eram mais novas. Percentuais um pouco acima dessa média foram reportados nos segmentos socioeconômicos de maior renda e escolaridade, “possivelmente por deterem uma percepção mais aguçada”, comentou Becker. Não houve diferenças de visão entre pais, mães e outros cuidadores.

O resultado foi tido como previsível por Juliana e Becker. “É importante enfatizar que a regressão de comportamento num momento de tensão é algo esperado e geralmente transitório. As regressões são formas de externalizar questões do contexto, como a chegada de um irmão e outras mudanças bruscas”, explicou Juliana.

Segundo ela, esses dados mostram que ainda que existisse cansaço e sobrecarga de trabalho dos pais e às vezes até o luto, esses cuidadores deram conta dessas crianças. “Para as crianças pequenas, ter os cuidadores mais pró-

ximos e disponíveis torna a situação inclusive melhor, já que esse cuidado, que é recebido em casa, é mais suficiente para as crianças menores do que para as maiores”, afirmou a psicóloga.

Comportamento da criança

A criança voltou a ter comportamentos de quando ela era mais nova durante esse período da pandemia (chora muito, voltou a ficar molhada sem pedir para ir ao banheiro, fala menos etc.)? (Resposta única)

Base: total de respondentes (1.036 casos).

CLASSES A/BI	31%	69%
B2/C, RM, SUPERIOR	32%	68%
B2/C, RM, BÁSICA	25%	75%
B2/C, INTERIOR	22%	78%
CLASSE D	22%	78%

Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

Uso de práticas educativas parentais

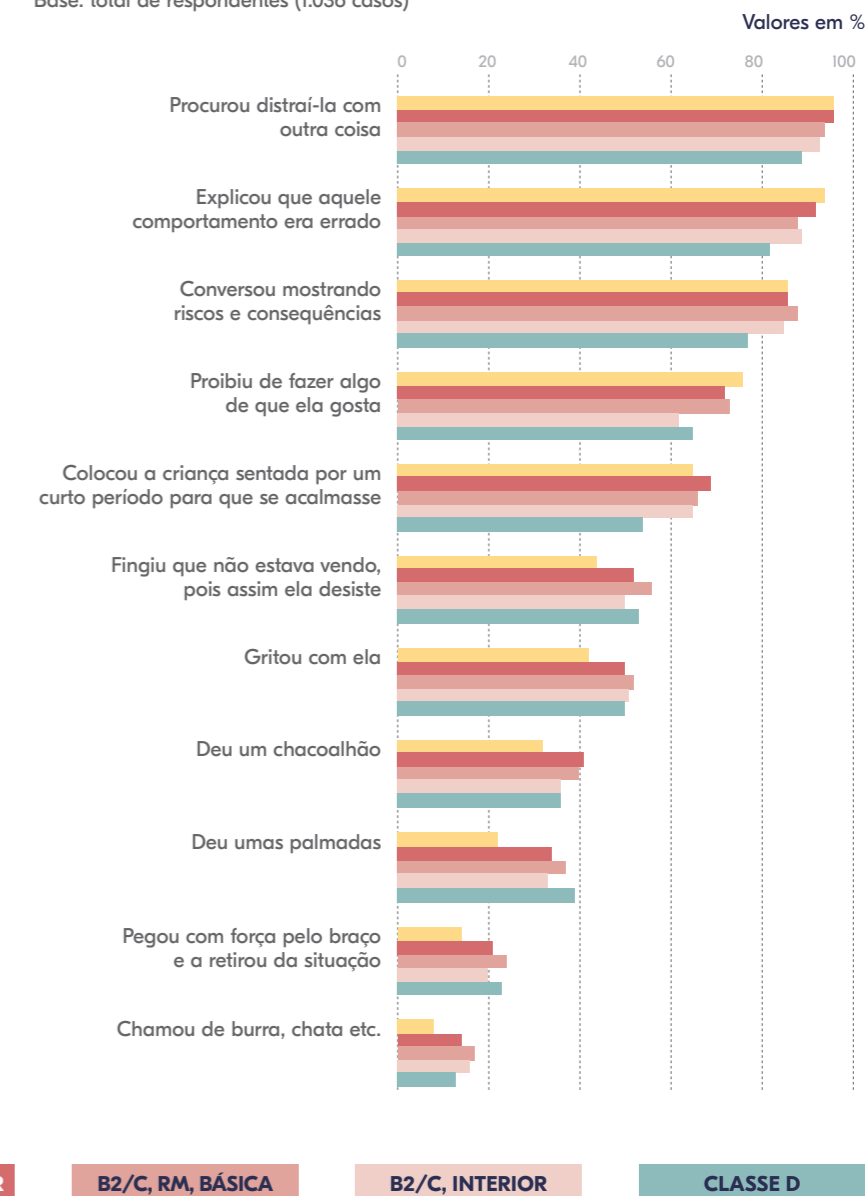
A pesquisa investigou o uso de um leque variado de práticas educativas parentais com a criança. O gráfico ao lado mostra que, entre os que se valeiram ao menos uma vez dos métodos citados, há uma tendência para a adoção de práticas educativas positivas, como explicar o comportamento errado, distrair a criança e conversar mostrando riscos e consequências.

“É um bom sinal, pois, mesmo em tempos de tanto estresse, as pessoas relatam comportamentos menos agressivos”, observou Juliana. “Se a pessoa está sobrecarregada, a tendência de ela usar práticas parentais negativas para impor disciplina é muito maior.” No recorte específico de pais e mães, que correspondem a 53% da amostra, a utilização de ao menos uma prática parental negativa foi relatada por 67% dos respondentes (gritou com a criança, deu um chacoalhão nela ou umas palmadas, pegou com força pelo braço ou a chamou de burra ou chata).

Juliana alertou que a literatura mostra que, além do estresse e da sobrecarga, o aumento do tempo de convivência e das tensões nas relações interpessoais, bem como o medo e situações de vulnerabilidade social, pode tornar mais frequentes os episódios de agressão e maus-tratos contra crianças.

Práticas parentais dos cuidadores

Você ou outro adulto usou algum destes métodos com a criança no último mês? (Resposta múltipla)
Base: total de respondentes (1.036 casos)



Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

Por dentro das relações

“A questão financeira é bem complicada. Tu não consegues ficar feliz com seu filho ali contigo, mas também não consegues ficar feliz porque tu não tens como comprar comida para o seu filho. É bem complicado. Eu acho que entre o grupo A e o grupo D a questão da tristeza vem por causa disso.”

Mãe, 43 anos, professora, Região Sul

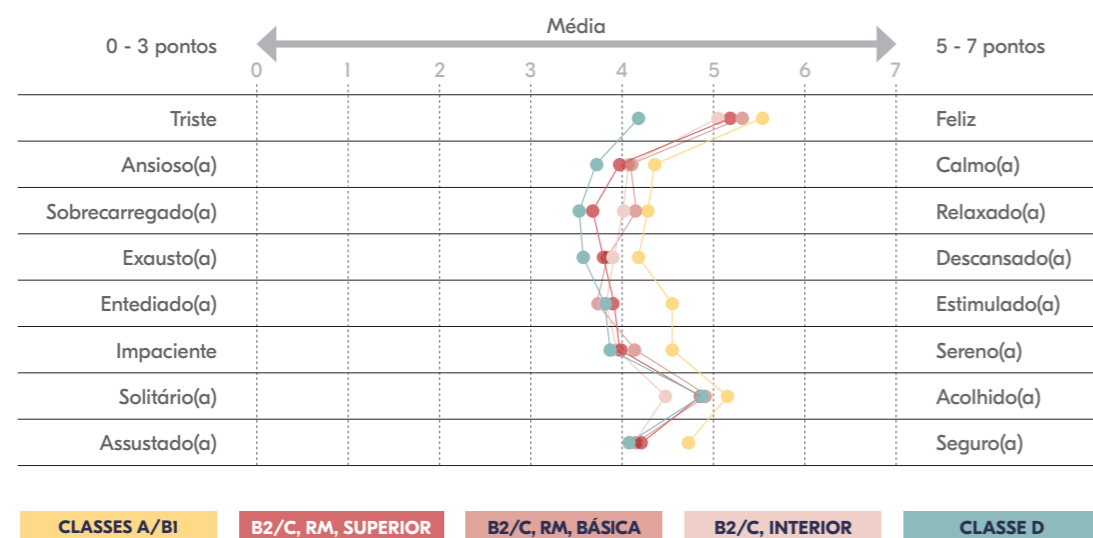
Os respondentes da pesquisa foram convidados a marcar, numa escala de 0 a 7, como se sentiam em relação a um conjunto de sentimentos positivos e negativos. Ainda que com algumas variações, a percepção média colhida nos diferentes segmentos sociodemográficos foi muito similar.

“A classe A/B1 está menos triste, menos ansiosa em relação aos demais grupos, mas, se você olhar direito, em termos de sentimentos positivos, nenhum deles está totalmente feliz. Numa escala de bem-estar, os grupos estão longe do máximo em todas as variáveis, o que confirma que as pessoas estão vivendo muitas tensões”, assinalou Juliana.

Na relação com a criança, segundo a psicóloga, tal estado de espírito se traduz em pouca disposição psíquica para o cuidado, uma vez que o cuidador precisa primeiro estar nutrido para poder nutrir o outro. “Qual é a grande tarefa com um bebê de 0 a 2 anos? É fazer com que ele se sinta acolhido, tenha confiança no mundo à sua volta e se sinta protegido. Mas como conseguir isso se o próprio cuidador está se sentindo assustado?”

Sentimento dos cuidadores diante da pandemia

Marque na barra o lugar que mostra como você vem se sentindo na maior parte do tempo nesse período de pandemia (escala de 0 a 7 pontos).
Base: total de respondentes (1.036 casos).



Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

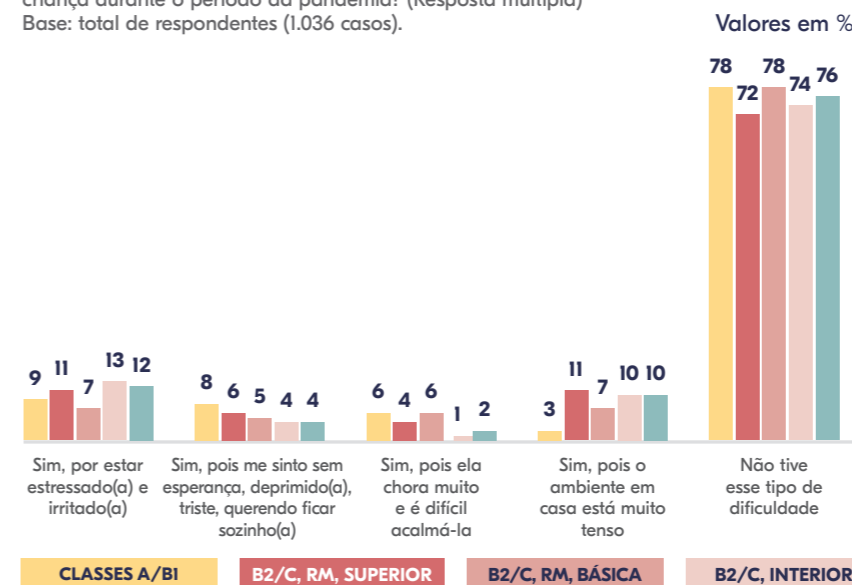
Uma outra questão do estudo averiguou se os cuidadores tiveram dificuldade de se relacionar afetivamente com a criança durante a pandemia. No total da amostra, 28% das pessoas admitiram que sim. O resultado foi considerado baixo e colocado em xeque pelos especialistas que analisaram a pesquisa diante de outras informações de contexto disponíveis para o período da pandemia, como a já mencionada escalada de violência doméstica e problemas de saúde mental.

“É um pouco difícil você afirmar que teve uma relação pior com a criança por causa do estresse que enfrentava, ou porque estava triste ou porque o ambiente em casa estava tenso. São questões muito subjetivas que dependem de você admitir isso a si mesmo, o que talvez explique um percentual tão alto de pessoas dizendo que não tiveram dificuldade”, contestou Becker.

“Se por um lado eu imaginava que os pais fossem relatar um pouco mais de dificuldade, por outro a informação sustenta minha hipótese de que os pais têm encontrado na criança pequena uma fonte extra de bem-estar”, raciocinou Juliana. “Poder brincar e conversar com alguém sobre outra coisa que não seja pandemia nem número de mortes é algo restaurador para os pais – e é uma possibilidade de resgate interior muito grande.”

Dificuldades de relacionamento com a criança

Você tem sentido dificuldade de se relacionar afetivamente com a criança durante o período da pandemia? (Resposta múltipla)
Base: total de respondentes (1.036 casos).



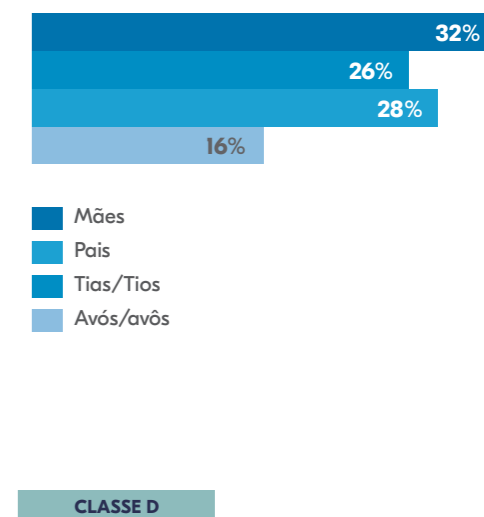
Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

“É curiosa a escala indicada para ‘acolhido’ pela classe A/B1, que tem pessoas com todas as condições de estrutura. Seu bem-estar subjetivo deveria estar mais elevado. Por outro lado, quando se pensa nas dificuldades enfrentadas pelos indivíduos da classe D, parece haver uma tendência de não reconhecer os sentimentos ou mesmo de não se permitir a se sentir triste, sobrecarregado, exausto.”

Juliana Prates Santana

Cuidadores com dificuldades

Proporção de cuidadores que relataram dificuldade de se relacionar afetivamente com a criança em cada grau de parentesco



Saúde e assistência social

“Quando a política pública foi acessada, ela foi efetiva. Mas os dados denotam que ela precisa ser mais capilarizada e ter mecanismos de busca ativa para conseguir chegar às pessoas que mais precisam, sobretudo neste momento de maior necessidade.”

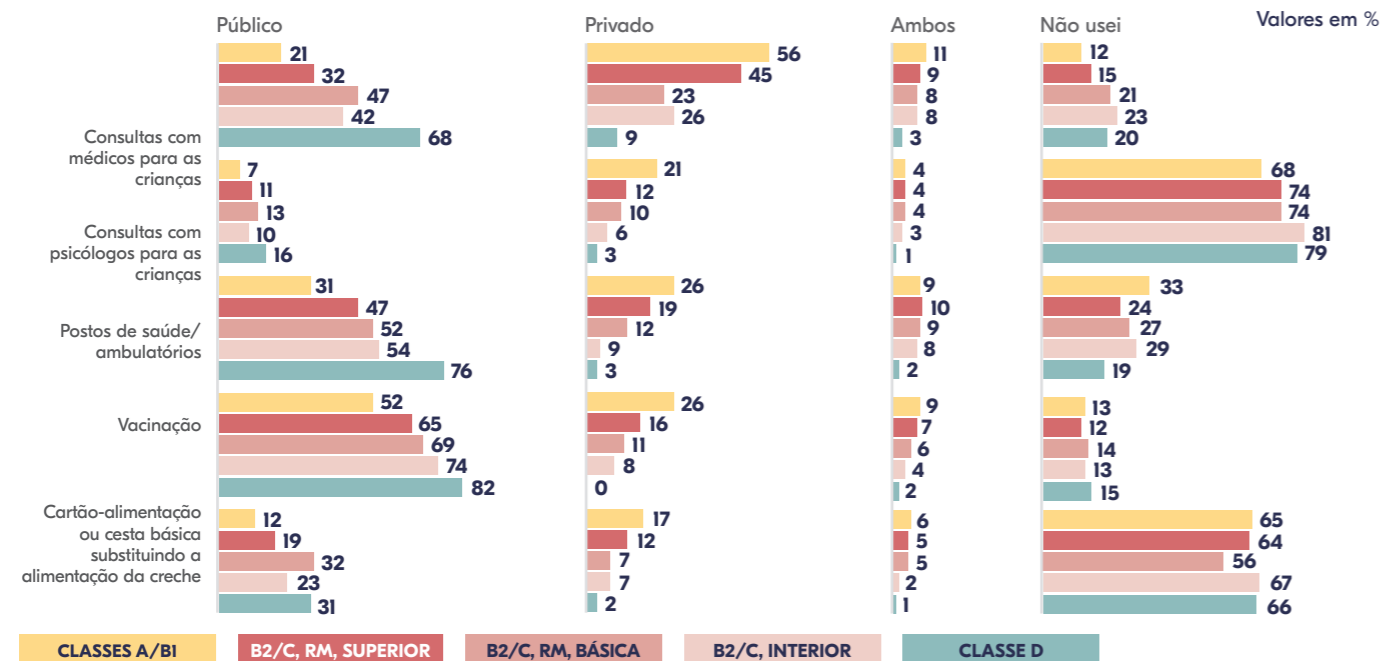
Daniel Becker

O pediatra Daniel Becker comentou as questões da pesquisa sobre a utilização de serviços básicos de saúde e assistência social durante a pandemia.

- As **consultas médicas** para as crianças foram bastante utilizadas pelos respondentes, o que era esperado devido ao medo crescente de doenças infecciosas. As famílias das classes A/BI também recorreram ao serviço público, reforçando a importância do Sistema Único de Saúde (SUS).
- Apesar dos desafios do isolamento social, as taxas de utilização dos serviços de **vacinação** na amostra da pesquisa foram consideradas altas, aproximando-se das metas do Programa Nacional de Imunizações (PNI), que giram em torno dos 90%-95% conforme o imunizante. Internacionalmente, a projeção é que os níveis de vacinação infantil caiam por causa da Covid-19.
- Os índices de **consultas de crianças com psicólogos** nos diferentes segmentos socioeconômicos foram considerados elevados e corroboram estudos que apontam o aumento de problemas de saúde mental em crianças na pandemia. “Esse dado, na casa dos 20% de consultas com psicólogos, é espantoso. É negativo no sentido de que as crianças estavam demonstrando sintomas a ponto de as mães terem de procurar ajuda, mas é positivo porque os cuidadores estão conseguindo acessar os serviços de apoio”, afirmou Becker.

Utilização dos serviços durante a pandemia

Desde março de 2020, você utilizou algum destes serviços para a criança? Foi público, privado ou ambos? (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).



Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

Acesso a serviços, programas e políticas públicas

■ Sim ■ Não

Desde março de 2020, você ou alguém em sua casa teve acesso a algum destes serviços, programas ou políticas públicas? (Resposta única)
Base: total de respondentes (1.036 casos).

Visita domiciliar por programas sociais (ex.: Saúde da Família)

Classes	Sim	Não
CLASSES A/BI	20%	80%
B2/C, RM, SUPERIOR	21%	79%
B2/C, RM, BÁSICA	18%	82%
B2/C, INTERIOR	20%	80%
CLASSE D	20%	80%

Atendimento de serviços de prevenção de violência contra crianças ou adultos (Conselho Tutelar, Ministério Público)

Classes	Sim	Não
CLASSES A/BI	14%	86%
B2/C, RM, SUPERIOR	12%	88%
B2/C, RM, BÁSICA	10%	90%
B2/C, INTERIOR	8%	92%
CLASSE D	6%	94%

Renda complementar emergencial

Classes	Sim	Não
CLASSES A/BI	31%	69%
B2/C, RM, SUPERIOR	47%	53%
B2/C, RM, BÁSICA	64%	36%
B2/C, INTERIOR	53%	47%
CLASSE D	70%	30%

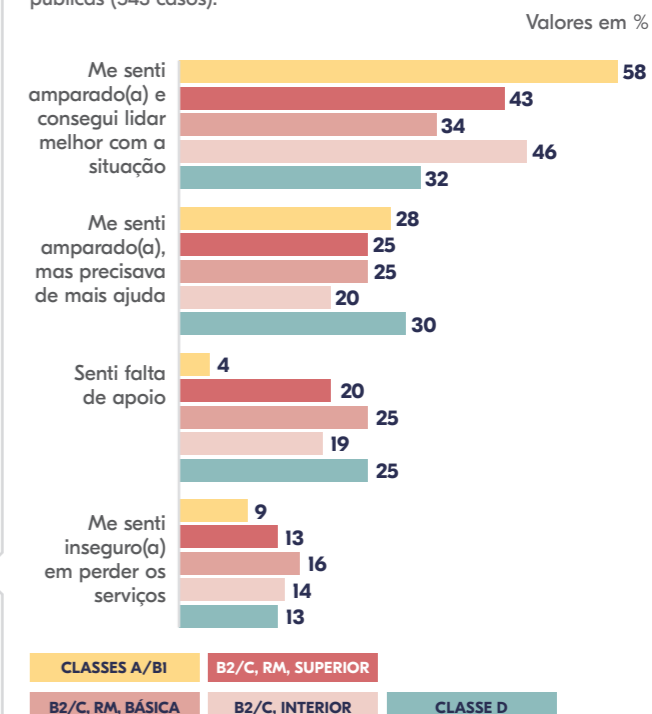
De modo geral, os serviços públicos foram pouco acessados. Nos casos em que houve acesso, uma proporção significativa de pessoas se sentiu amparada pelo atendimento, indicando efetividade.

Fonte: Pesquisa Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia.

- A média de 20% nos programas de visita familiar é baixa, especialmente considerando a gravidade do momento, mas reflete as medidas de interrupção desse serviço por causa da pandemia.
- Enquanto 14% dos respondentes das classes A/BI reportaram atendimento de serviços de prevenção de violência – “o que é um indicador alarmante” –, apenas de 6% a 8% o fizeram nas classes mais baixas. “Aqui não se trata de que esses segmentos não precisaram do serviço. Isso claramente é um problema de dificuldade de acesso.”
- Os entrevistados foram beneficiados por programas de renda complementar emergencial – em especial os da classe D, mas até os das classes A/BI.

Sentimento em relação aos serviços públicos

Como você se sentiu em relação a esses serviços públicos no seu dia a dia durante esse período de pandemia?
Base: respondentes que acessaram serviços/programas/políticas públicas (543 casos).





KANTAR

